

OS SÍTIOS HISTÓRICOS DO RIBEIRÃO JOÃO LEITE: UMA ARQUEOLOGIA DO RURAL

THE HISTORICAL SITES OF JOÃO LEITE STREAM: AN ARCHAEOLOGY OF RURAL

Diogo Menezes Costa*
diomc2@gmail.com

RESUMO: Este texto pretende mostrar a importância de uma arqueologia histórica no meio rural do Centro-Oeste Brasileiro. Através da apresentação dos trabalhos realizados nos sítios históricos do *Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico na Barragem João Leite*.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Histórica, Ribeirão João Leite, Brasil Rural.

ABSTRACT: This text intends to show the importance of a historical archeology in rural Brazilian Middle-West. Through the presentation of the work in the historical sites of the *Project of Survey and Rescue of the Archaeological Heritage in the João Leite Dam*.

KEYWORDS: Historical Archaeology, João Leite Stream, Rural Brazil.

Introdução

Durante o ano de 2003 foi realizado o *Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Barragem João Leite* na região metropolitana de Goiânia no estado de Goiás. Este projeto foi desenvolvido pelo Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e contou com a presença de inúmeros pesquisadores e estudantes conforme um contrato de prestação de serviço firmado entre a Fundação Aroeira e a companhia de saneamento do estado SANEAGO (Barbosa e Viana, 2004).

Neste projeto além das intervenções realizadas nos sítios de ocupação pré-histórica da região diretamente impactada pelo empreendimento, também foram pesquisados outros seis sítios arqueológicos de ocupação do período histórico. Os sítios históricos foram identificados e selecionados através de um processo de levantamento arqueológico, que além de localizar e registrar os vestígios, também executou uma

* Pós-Doutorando SOA/FAFICH/UFMG. Enviado em: 10/06/2012. Aceito em: 30/07/2012.

escolha para o aprofundamento das pesquisas através de intervenções arqueológicas (Costa, 2003a; 2003b; 2003c).

Os sítios históricos na área do ribeirão João Leite apresentaram uma enorme e variada coleção de vestígios referentes às práticas cotidianas dos seus antigos ocupantes. Para tanto, estabelecemos antes que os estudos tanto dos depósitos arqueológicos quanto das estruturas remanescentes apresentam-se como fontes de enorme potencial para o conhecimento das práticas diárias de sociedades passadas. Estes sítios foram compostos de vestígios relacionados às atividades cotidianas e rotineiras que refletem como as pessoas organizavam e usavam o local em que viviam. Desta forma, a pesquisa arqueológica-histórica dos sítios teve por objetivo coletar o maior número possível e informações para uma análise e interpretação dos vestígios tanto em seus aspectos particulares quanto contextual.

Com este objetivo os seis sítios arqueológicos da área da barragem foram inseridos em um critério de significância que valorizou tanto os depósitos como seu entorno. Portanto, os quatro sítios relacionados ao chamado Complexo da Onça apresentaram a oportunidade de se trabalhar uma área restrita, confirmando ou refutando hipóteses quanto às formas e os períodos de apropriação do espaço realizados por um determinado grupo de mesma condição socioeconômica e laços familiares. Assim, como a relevância encontrada no sítio Gameleira, este relacionado a um grupo de trabalhadores de fazenda, e no sítio Casa Grande este identificado como de proprietários de uma fazenda; contrastam a dualidade recorrente em uma sociedade rural que se via em pleno período transição para o capitalismo do final do século XIX e início do século XX (Costa, 2003).

Devido à similaridade destes conjuntos optou-se por priorizar em detalhe o resgate dos sítios, que além de possuírem depósitos preservados, são portadores de inúmeras significâncias para os estudos arqueológicos e históricos da região. Desta forma, a arqueologia histórica apresenta-se como um enorme potencial de construção da história de determinados segmentos sociais até então marginais na historiografia tradicional; e no contexto de resgate do patrimônio diretamente afetado por obras de grande impacto, como ferramenta imprescindível no resguardo e manutenção destes bens (Costa, 2004).

O Complexo da Onça

O complexo da Onça é um conjunto de quatro sítios históricos a céu-aberto formado pelos sítios Açude da Onça 01, Açude da Onça 02, Açude da Onça 03 e Açude da Onça 04, localizados no entorno de um açude, no córrego da Onça, tributário do ribeirão João Leite.

Este complexo abrange uma área de aproximadamente 3.000 m², localizado no entorno de um açude de mesmo nome. O curso d'água mais próximo é o córrego da Onça, distante 50 m dos sítios 01, 02, 03, e a 140 m do sítio 04, sendo que os sítios 02 e 03 estão a cerca de 150 m do ribeirão João Leite e os sítios 01 e 04 a cerca de 400 m. As particularidades de cada sítio levaram à opção por um trabalho diferenciado em cada um dos depósitos arqueológicos, assim como nas estruturas correspondentes. A complementaridade de cada depósito com os demais integrantes do Complexo foi trabalhada em conjunto no laboratório, ocasionando uma pesquisa inter-relacionada entre os sítios. Nos quatro sítios foram realizados caminhamentos assistemáticos, tradagens e cortes estratigráficos.

O complexo da Onça é um conjunto de quatro sítios arqueológicos complementares entre si, formados por unidades habitacionais e produtivas, ocupadas por um mesmo grupo socioeconômico da zona rural desde meados do século XIX até o início do século XX.

O sítio Onça 01 foi identificado como uma unidade habitacional datada do quarto quartel do século XIX. O material doméstico restringiu-se a uma xícara de louça simples para serviço de mesa e um fragmento de panela de ferro associado ao processamento de alimentos; já o vidro esteve presente em toda a área do sítio e concentrou-se em objetos de consumo, como garrafas de bebida e medicinais. A grande quantidade de telhas e a ocorrência de material construtivo em ferro também corroboraram para a identificação da área como uma unidade habitacional. Porém, a identificação de estruturas não foi possível devido à perturbação existente na área, com a aragem do terreno.

O sítio Onça 02 foi identificado como uma unidade habitacional e produtiva datada do terceiro quartel do século XIX, apresentando a maior variedade de vestígios do complexo. Sua amostra compõe-se de elementos domésticos em louça, como peças

pequenas de serviço e peças simples como xícaras, malgas e pires. A cerâmica também compôs este conjunto com vasilhas pequenas para processamento de alimentos e potes maiores para armazenamento ou serviço. O vidro, diferentemente das categorias anteriores, teve uma maior concentração em duas áreas, apresentando uma amostra variada, com peças de consumo como garrafas de bebida e medicinais, e um tinteiro. Quanto ao metal, este apresentou vários elementos construtivos que, em conjunto com os relatos orais, confirmaram a existência no local de uma construção solidamente edificada, cuja finalidade era a produção de melado, e também o armazenamento de elementos de trabalho no campo, representados pela lâmina de enxadão e por peças de carro de boi. O material lítico foi recuperado do mesmo modo que os demais refugos domésticos, sendo as duas lascas encontradas em conjunto com peças as cerâmicas na área delimitada como exterior à unidade habitacional. É também plausível lembrar que o sítio Onça 02, além de ser o mais antigo do complexo, foi também um espaço produtivo, onde a utilização de trabalhadores escravos pode ter sido um fato corriqueiro.

O sítio Onça 03 foi classificado como uma unidade habitacional do início do século XX. Em sua coleção de peças recuperadas, a louça compõe a maior categoria doméstica, através de peças pequenas de serviço, como xícaras e pires. Entretanto, devem-se apontar a ausência, neste período, de malgas, elementos característicos de hábitos alimentares do século XIX. Quanto à cerâmica utilitária da amostra, mesmo reduzida, também compõe de elementos em louça, peças pequenas e de serviço, enquanto o vidro destoa dos demais, apresentando elementos relacionados mais ao uso medicinal do que de consumo, o que pode indicar um trato com higiene ou mesmo uma prática medicinal mais acentuada neste sítio. Já o metal foi identificado em elementos de uso corriqueiro, como uma fivela de cinto e elementos de montaria.

O sítio Onça 04 também trata-se de uma unidade habitacional, porém do primeiro quartel do século XX. Apesar de ser o sítio com menos vestígios recuperados, é também o que possui mais informações orais. A amostra de louça forneceu dois elementos característicos, uma xícara e um prato, ambos produzidos nacionalmente, o que se encaixa com o período do sítio e amplia a aplicabilidade desta categoria, agora apontando para uma preferência por alimentação com produtos sólidos. A cerâmica apresenta-se de forma reduzida em relação aos demais sítios, mas compõe o conjunto da louça, assim como o dos vidros, entre os quais foi encontrado um copo, outro elemento

de serviço de mesa. O metal fica restrito ao material utilizado em trabalho, como argolas e barras de ferro sem funções completamente identificadas.

A disposição destas categorias materiais no sítio Onça 04 em muito se aproxima da identificada no sítio Onça 03 e, por sua vez, difere dos sítios Onça 01 e Onça 02. Tem-se, assim, um padrão deposicional em que nos sítios Onça 03 e Onça 04, o material apresenta-se amplamente disperso, não obedecendo a uma regularidade ou padronização do depósito. Não que esta dispersão aleatória seja a falta de uma escolha, mas possivelmente uma prática realizada nestas duas áreas específicas, seja pela sua proximidade temporal ou mesmo pela situação geográfica na qual estão implantadas.

Em contraposição, para o sítio Onça 02 e, em menor grau, Onça 01, nos quais a proximidade da água e o período de ocupação compõem um mesmo padrão de manejo de refugio, estabelece-se uma aproximação pela diferenciação, reflexo direto de certas opções tomadas ou mesmo imposições sociais sobre os ocupantes destes sítios. O padrão deposicional estabelecido para o complexo é visível não só na dispersão dos materiais estudados, mas também pela semelhança na composição dos vestígios, que se tratam quase que exclusivamente de refugos domésticos muito semelhantes, tornando-se, portanto, um parâmetro igualitário de comparação, além, é claro, da proximidade estabelecida e de uma possível influência adquirida, entre os grupos que ali viveram.

O estudo em associação dos sítios do Complexo da Onça não se encerra somente nas categorias temporais ou espaciais do complexo, relacionando as datas de ocupação para cada sítio ou mesmo os locais escolhidos para sua implantação, mas engloba também uma correspondência com o grupo ocupante hoje da área, que começa com o sítio Onça 02, passa pelo sítio Onça 01, caminha para o sítio Onça 03 e, aparentemente, encerra-se no sítio Onça 04. Por outro lado, no complemento estabelecido pelo sítio Onça 05, residência do atual agregado da fazenda onde encontram-se os sítios e informante oral da pesquisa, tem-se uma “espiral” que forma um circuito de ocupação e de manejo da área em torno do açude. A funcionalidade identificada nos sítios também está inter-relacionada quando as unidades são interpretadas como domésticas, com exceção do sítio Onça 02, para o qual também se estabelece a funcionalidade de um sítio produtivo, situação explicável até mesmo pelo período de ocupação. Portanto, o elemento formativo e agregador dos sítios estudados é sem dúvida o grupo socioeconômico constituinte do circuito, formado por trabalhadores e agregados de

fazenda, alguns com relação de parentesco estabelecida como o caso dos sítios Onça 04 e Onça 05, ou profissional como possivelmente no caso do Onça 03 e Onça 04, mas que partilharam um mesmo espaço e um mesmo modo de vida há mais de meio século.

O Sítio Gameleira

O sítio Gameleira apresenta-se como uma unidade habitacional na zona rural de Goiás, de um grupo de agregado de fazenda, ocupado durante o terceiro quartel do século XIX.

A tralha doméstica representada principalmente pela louça caracterizou-se por peças de serviço pequenas, como xícaras e malgas de acabamento simples e de baixo valor, e a ausência de pratos ou peças maiores. Enquanto a cerâmica utilitária decorada com incisões e apliques, formada por potes pequenos, é outro indicador socioeconômico tanto no processamento de alimentos como para compor o jogo de serviço de mesa requerente na prática alimentar. Ambos os elementos estiveram concentrados nas estruturas deposicionais identificadas durante a escavação, e estabelecidas como buracos de lixo, prática higiênica pouco comum na zona rural. O vidro aparece de forma singular, além de disperso pela área e apresentou dois momentos deposicionais, um relativamente mais recente onde é marcado a presença de garrafas de bebida, e em outro, acompanhando a amostra de louça e cerâmica como peças de uso medicinal ou de higiene do mesmo período.

A coleção em questão completa-se com o material em metal, onde fragmentos de panelas de ferro relacionam-se com o processamento de alimentos identificados na cerâmica. A grande ausência de estruturas edificadas na área como também no material recuperado, como cravos ou pregos, levam a caracterizar a habitação como uma provável casa de adobe ou palhoça, algo comum na região. O metal também caracteriza outras práticas cotidianas como o emprego de armaria provavelmente para caça ou defesa e representada pelo elevado número de cartuchos utilizados de calibres variados; e as peças componentes de montaria, essencial no meio rural. O período de ocupação do sítio é reforçado pela presença na amostra de uma moeda de 10 réis cunhada em 1869.

Com as inferências realizadas acima podemos desenhar um panorama para a ocupação histórica ocorrida na área do sítio Gameleira, como sendo de um pequeno

núcleo socioeconomicamente em posição dependente ou pequeno produtor, em relação a um de maior potestado, no qual é característica a formação de unidades efêmeras e por vezes móveis relacionadas diretamente à condição produtiva sazonal.

O Sítio Casa Grande

O sítio arqueológico histórico Casa Grande foi identificado como uma unidade habitacional do último quartel do século XIX, sede de uma fazenda na zona rural goiana.

Na amostra de louça foi pesquisado além do caráter funcional composto por peças pequenas de serviço, como xícaras, pires, malgas, canecas, e peças maiores como travessa e pratos; também o valor compreendido pelo conjunto através de peças ricamente decoradas, de custo mais elevado e outras funcionalidades estabelecidas por objetos em louça, como o fragmento de uma imagem religiosa ou uma peça provavelmente de conjunto de banho ou cozinha. No conjunto doméstico, o metal também se apresenta através de uma colher de cobre e fragmentos de panela, assim como na vestimenta, através de fivelas e zíperes, e no transporte, com arreios e ferraduras. O vidro estabeleceu suas particularidades ao apresentar uma amostra concentrada em elementos de consumo como garrafas de bebida, encontrando-se a variação entre vinho, champanhe e cerveja, e frascos medicinais ou de perfumaria, estes em grande número tanto de formas como de conteúdo. A louça ocorre também em peças de serviço, como copos e taças, e em elementos diferenciados, como um botão de vidro, artigo de vestimenta comum no século XIX.

O material construtivo teve sua maior proporção estabelecida junto ao metal, devido aos cravos e pregos identificados na amostra. Esta categoria material também apresentou elementos de trabalho no campo, como uma lâmina de foíçado. E, por fim, está presente na armaria, através dos vários cartuchos identificados na amostra, com calibres também variados. A cerâmica utilitária não apresentou elementos de processamento de alimentos, mas potes maiores decorados, relacionados ao armazenamento de víveres, como também elementos destoantes, como pratos pintados internamente e provavelmente de função ritual, e um cachimbo moldado, amplamente associado aos escravos de origem Africana.

O sítio Casa Grande apresentou além de um depósito em bom estado de conservação uma particularidade na amostra, não só na variação das categorias materiais expostas, mas na relação atribuída entre as várias categorias materiais. Assim, tem-se no mesmo contexto arqueológico elementos tanto referentes a grupos brancos tradicionais, como colheres de cobre ou taças em cristal, como elementos amplamente associados a grupos de escravos africanos, como o exemplo do cachimbo moldado ou a cerâmica decorada. Neste caso cabe lembrar material lítico encontrado, no qual a presença de uma pederneira em sílex e de uma placa de ardósia utilizada normalmente em escritos confirma práticas destas sociedades antigas. Outro fator relevante de contraste é a ocorrência de artigos de luxo em associação com elementos discriminados como de baixo valor aquisitivo, no mesmo contexto deposicional.

Considerações Finais

Os ares de mudança inundam Goiás do final do século XIX e início do século XX. Transformações na Europa e no Brasil atingem o cerrado e com elas modificações e imposições começam a enraizar-se, com a chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, a política governamental orienta-se rumo à integração e valorização dos domínios. O centro-oeste é visto como uma opção de expansão através do aproveitamento das vias fluviais, renovação das técnicas agropastoris e da utilização da mão de obra indígena. A este período de mudanças somam-se novas descobertas auríferas, porém pouco exploradas, e o interesse em mudar a capital da província para o norte. A partir do segundo quartel do século XIX a província progride economicamente devido, sobretudo à expansão da agricultura e o crescimento do rebanho bovino. Este último tem como principal fomentador as fazendas de pecuária que, sem autorização legal da coroa, invadem os sertões, e com isto também incentivam a vinda de correntes migratórias para o estado. A indústria de couros prospera e, em função da abundância de matéria-prima, fabricam-se tecidos de algodão (Costa, 2006).

É nesta realidade transformativa que encontramos os sítios arqueológicos históricos resgatados na área do Ribeirão João Leite, onde a história é procurada não só pelos valores já aprendidos, mas pelas brechas deixadas no transcorrer do dia-a-dia, na prática cotidiana, no fazer inconsciente do homem comum. Assim, vamos encontrar um

período de transição tanto em aspectos sociais quanto econômicos e políticos; nos sítios do complexo da Onça estas transformações estão tanto conservadas nas estruturas arqueológicas identificadas que demonstram uma rápida transição de unidades habitacionais e produtivas, para unidades estritamente domésticas em que o espaço do trabalho é desvinculado do espaço de moradia. Enquanto o sítio Gameleira representa um perpetuar de ações ainda hoje correntes na vida rural Goiânia, com um calendário determinado pelo ciclo agrícola que define espaço e tempo dos trabalhadores de uma fazenda. E por fim tem-se o sítio arqueológico Casa Grande, representante máximo das relações sociais que perduram desde os primeiros períodos do Brasil, e que vai se confirmando com os vestígios identificados dos diferentes, mas em certo sentido, complementares grupos que formam o espaço rural de ontem e hoje.

Os sítios arqueológicos históricos resgatados no projeto assemelham-se por serem todos relacionados com grupos rurais, alguns marginais à historiografia brasileira. Por outro lado, diferenciam-se por possuírem uma singularidade em suas atividades diárias o que atribui a cada um dos sítios uma particularidade para se conhecer os modos de viver no centro-oeste brasileiro; e que a sua maneira confirma o personalismo e as relações de suserania e vassalagem da época. Aqui se constata, portanto, as mudanças acontecidas no início do século XIX que encerram de um lado, o abandono e declínio da província em decorrência do fim do ciclo mineiro e, de outro, o próprio ensejo de modernidade advindo com o pastoreio. Pois em decorrência do sistema agropecuário de caráter extensivo implantado no estado formaram-se os latifúndios. Porém, no campo ainda vão predominar o que se pode chamar então de relações semifeudais (Figueiredo, 2004), mas sem anacronismos (Amaral, 2011), e que podem ser caracterizadas em duas figuras presentes ainda hoje em todo o cotidiano rural brasileiro: o coronel e o agregado.

Longe de entrar na discussão historiográfica, e por muitas vezes política, sobre a existência (Basbaum, 1957; Sodré, 1976) ou não (Prado Jr., 1961; Simonsen, 1977) das relações de produção feudais no Brasil, ou mesmo de sua “terceira via” (Erthal, 2000). O texto aqui pretende apresentar a validade de pesquisas arqueológicas sobre o passado recente como mais que uma forma de complemento, validação ou crítica ao conhecimento histórico. Por outro lado é claro que o estudo do espaço agrário no Brasil, principalmente no século XIX, é um campo fértil de pesquisa sobre as relações sociais

presentes no campo, e não só para o entendimento destas e de outros aspectos, mas também para revelar uma parcela da sociedade negligenciada e porque não desconhecida da história oficial.

A história rural no Brasil aborda diversos aspectos, desde as sesmarias até os latifúndios e desde o trabalho escravo até o assalariado (Santos, 2003). E hoje é mais do que ativa na própria organização da sociedade brasileira, através de pontos polêmicos como a concentração de terra ou a própria reforma agrária (Neto, 2006). Porém, mesmo tendo diversos indicadores comuns a constituição da história agrária no Brasil teve feições próprias em cada parte do território nacional (Brandão, 2007). Portanto, é com base nesta percepção de particularidade e contemporaneidade do meio rural que este estudo arqueológico-histórico insere-se como uma forma de revelar detalhes sobre o cotidiano destas sociedades, ao mesmo tempo em que tenta contextualizar suas trajetórias.

Por fim, a arqueologia histórica é demonstrada aqui não como uma fonte a mais de investigação sobre o passado, mas sim como um saber próprio que tem muito a contribuir com a produção do conhecimento histórico. De um lado atingindo o particular, o quase intangível das relações sociais através do estudo de coisas triviais e cotidianas, por vezes esquecidas ou simplesmente ignoradas em detrimento de outras fontes históricas, como a cultura material. De outro lado buscando o contemporâneo, não só como uma forma de entendimento dos fatos ocorridos e de seus desdobramentos no tempo presente, mas sim como uma atividade de reflexão e análise sobre a condição atual das relações sociais no campo e a proposta de construção de uma arqueologia do rural.

Referências Bibliográficas

AMARAL, R. O Medievalismo no Brasil. História Unisinos, v.15, n.3. 2011.

BARBOSA, M. O. e S. A. Viana. Resgate do patrimônio arqueológico da barragem no Ribeirão João Leite. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Fundação Aroeira, SANEAGO. Goiânia. 2004

BASBAUM, L. História Sincera da República. São Paulo: Fulgor 1957

BRANDÃO, M. S. O Sistema de Produção na Bahia Sertaneja do Século XIX: uma economia de relações não-capitalistas. Campo-Território: revista de geografia agrária v.2, n.4. 2007.

COSTA, D. M. Modos de Viver no Brasil Central da Primeira República. XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. São Paulo 2003.

_____. Metodologia para análise do material histórico, In: Relatório parcial de sítios na área da Barragem João Leite, GO. Viana, Sibeles e Barbosa, Mariza. Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Fundação Aroeira, SANEAGO. Goiânia. 2003a

_____. Descrição e avaliação de sítios históricos, In: Relatório parcial sobre os sítios na área da Barragem João Leite, GO. Viana, Sibeles e Barbosa, Mariza. Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Fundação Aroeira, SANEAGO. Goiânia. 2003b

_____. Segundo Relatório Trimestral, Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da ADA pela Construção da Barragem no Ribeirão João Leite – GO, Viana, Sibeles e Barbosa, Mariza. Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Fundação Aroeira, SANEAGO. Goiânia. 2003c

_____. Arqueologia Patrimonial: o pensar do construir. Habitus, v.2, p.333-360. 2004.

_____. Arqueologia Histórica nas Lavras do Abade: Uma Proposta de Gestão do Patrimônio. Anais do Museu Histórico Nacional, v.38, p.71-102. 2006.

ERTHAL, R. A Colonização Portuguesa no Brasil e a Pequena Propriedade. GEOgraphia v.2, n.4. 2000.

FIGUEIREDO, J. R. Modos de ver a produção do Brasil. Campinas: Autores Associados. 2004

NETO, A. J. D. M. A Questão Agrária no Brasil: aspecto sócio-jurídico. Projeto História, v.33. 2006.

PRADO Jr., C. Evolução política do Brasil e outros estudos. São Paulo: Brasiliense. 1961

SANTOS, J. C. D. Um Breve Ensaio Sobre a Questão Agrária no Brasil - da colonização a modernização da agricultura: uma contribuição para o entendimento do sistema agroindustrial do leite. Formação Online, v.1, n.10. 2003.

SIMONSEN, R. C. História econômica do Brasil (1500/1820). São Paulo: Cia Editora Nacional 1977

SODRÉ, N. W. Formação Histórica do Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1976.